

UMA CRÍTICA PARA O PRESENTE:

entrevista com Luc Boltanski

Realizada por Camila Gui Rosatti, Eduardo Vilar Bonaldi e Mariana Toledo Ferreira^a

Luc Boltanski é um dos grandes nomes da Sociologia contemporânea. Nascido em Paris, em 04 de janeiro de 1940, a dupla filiação judia e católica refletiu na preferência pelo curso de Sociologia da Sorbonne, em meados dos anos 1960 – motivação também ligada ao engajamento político de esquerda, em um momento em que a França acabava de sair da guerra contra a Argélia. No *Centre de Sociologie Européen*, teve contato com Pierre Bourdieu, onde foi seu assistente de pesquisa entre 1969 e 1976. No mesmo período, ingressou na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), tornando-se professor pleno em 1982. Atualmente, é professor emérito da EHESS e fundador, junto com Michael Pollak e Laurent Thévenot, do Groupe de Sociologie Politique et Morale.

Aqui, sua obra mais conhecida é *O novo espírito do capitalismo*, escrito em parceria com Éve Chiapello, e publicada na França em 1999 – com edição brasileira tardia, de 2009. Boltanski também se dedicou à elaboração de uma “Sociologia da crítica”, a partir de observações de situações em que os atores se engajam em disputas na esfera pública. *De la justification*, escrita em colaboração com Laurent Thévenot e publicada em 1991, integra esse programa de pesquisa. Em 2009, um enquadramento teórico mais amplo foi desenvolvido em *De la critique: précis de sociologie de l’émancipation*, um esforço para formular bases teóricas para as análises das mudanças do capitalismo.

No período em que esteve no Brasil, Boltanski realizou algumas conferências, falou de seus livros e de sua agenda de pesquisas. Convidado pelo Departamento de Sociologia da FFLCH/USP, apresentou a palestra intitulada “Sociologie et critique sociale: de la sociologie critique à la sociologie de la critique et retour”. A entrevista a seguir foi realizada no dia 19 de agosto 2013, ainda sob impacto das manifestações populares que agitaram a cena política do país, e é um convite para pensar os pressupostos e o fazer da pesquisa sociológica.

a Doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

Revista Plural *Gostaríamos de começar a entrevista perguntando sobre sua carreira universitária e profissional. Onde você se formou? Qual foi seu ponto de partida? Quais são suas principais atividades e, hoje, qual sua posição nas universidades francesas?*

Luc Boltanski Eu estudei na Sorbonne, lá tive como professor Raymond Aron; depois, encontrei Pierre Bourdieu. Quando era estudante de doutorado, comecei a trabalhar no Centre de Sociologie Européen, que havia acabado de ser fundado – ali me tornei assistente de pesquisa de Bourdieu. Eu trabalhava com ele praticamente todos os dias, entre 1969 e 1976. Ao mesmo tempo, entrei na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), como assistente e, mais tarde, em 1982, tornei-me professor titular. Em 1985, montei meu laboratório, *Groupe de sociologie politique et morale*¹, no qual ocupei a direção durante cerca de dez anos. Depois disso, deixei a direção por um período, pois parti para os Estados Unidos, no Institute for Advanced Studies, em Princeton. Outro membro do grupo assumiu a direção, Laurent Thévenot, mas estive durante todo esse período acompanhando as atividades.

Revista Plural *Poderia nos explicar com mais detalhes suas proximidades e divergências teóricas com a perspectiva bourdieusiana?*

Luc Boltanski Esse é um tema que irei desenvolver mais detalhadamente na conferência de hoje² aqui na USP e que está presente em *De la critique*³, de 2009, onde exponho essa discussão e um recorte de análise, a fim de reintegrar as duas abordagens em uma dimensão mais ampla. Primeiramente, seria preciso distinguir o trabalho de Bourdieu do que se tornou a Sociologia bourdieusiana, quando transformada em catecismo. Transformou-se em um conjunto de proposições um pouco dogmatizadas, já que seus sucessores – como frequentemente acontece – engessaram muito as perspectivas teóricas do autor. Nessas leituras que se tornaram dogmatizadas, deu-se muita importância à Sociologia como forma de desvelamento da realidade, negligenciando os atores sociais. Os sociólogos seriam, então, os únicos capazes de revelar a “verdade” da condição dos indivíduos. Em linhas gerais, a Sociologia da dominação se tornou uma Sociologia da aceitação da dominação.

1 O Groupe de Sociologie Politique et Morale (GSPM) foi fundado por Luc Boltanski, Michael Pollak e Laurent Thévenot como unidade de pesquisa da École des Hautes Études en Sciences Sociales.

2 A conferência “Sociologie Critique et Sociologie de la Critique” foi apresentada no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, no dia 19 de agosto de 2013.

3 BOLTANSKI, Luc. *De la critique: précis de sociologie de l’émancipation*. Paris: Gallimard, 2009.

O que eu acho curioso é que, no fundo, o pensamento de esquerda dos últimos cinquenta anos não foi pautado pela ideia de revolução; foi, sobretudo, um pensamento da não revolução. Isso é verdade em Bourdieu, mas também em Foucault e seus seguidores. Aqueles que procuraram interpretar as revoltas ou revoluções foram principalmente os pensadores de direita, que destacaram os motivos individuais que levariam à ação, como o ressentimento. Muito estranhamente, a teoria da dominação foi uma teoria visando explicar o porquê da ideia de servidão voluntária, o porquê de as pessoas não se revoltarem. Isso não é, na minha visão, uma abordagem muito rentável, pois é preciso compreender o motivo pelo qual, em alguns momentos, elas não se revoltam e porque, em outros, elas se revoltam. Então, se consideramos que o sociólogo é o único capaz de dizer aos atores a “verdade” de sua condição, nessa Sociologia, o sujeito desaparece. Ora, um pouco no espírito da Sociologia e da Antropologia da resistência, a capacidade crítica não pertence somente aos sociólogos; ao contrário, ela está bem distribuída entre os atores sociais.

Revista Plural *A tradição sociológica faz uso de um partido epistemológico expresso nas distinções entre doxa e episteme, ilusão e verdade. Nesse contexto, a Sociologia tem um papel de revelação do mundo social, reforçando a distância entre crença e conhecimento. O programa de uma Sociologia pragmática da crítica visa recusar essa abordagem?*

Luc Boltanski Estou de acordo com a crítica ao excesso de positivismo, a crítica à ideia de que a ciência teria sempre razão, em contraposição aos atores. Na história das Ciências Sociais, encontramos coisas que hoje são insustentáveis, como biologismo, racismo, etnocentrismo: é um modelo de ciência com uma grande tese e um ideal de verdade. Eu não quero dizer, com isso, que toda a descrição tem o mesmo valor. É preciso, evidentemente, controlar o subjetivismo do pesquisador, ir ao “laboratório”, entendido não como lugar físico, mas no sentido de um conjunto de métodos que permita controlar e se opor ao desejo daquele que descreve. Por exemplo, quando se diz hoje: “as mulheres são iguais aos homens”. Não é possível afirmar isso, se não como desejo do pesquisador, pois, ao se utilizar o método sociológico, ao realizar uma pesquisa empírica, o pesquisador se depara com uma série de desigualdades de gênero que negam tal afirmação.

Mas isso não quer dizer que haveria um corte radical entre conhecimento comum e conhecimento científico. Por outro lado, um ponto muito importante, com o qual Bourdieu estaria de acordo, é que aqueles que têm a competência, aqueles que têm o saber e a ciência sobre o mundo social são os próprios atores

sociais. Isso pode ser pensado como na Linguística: aqueles que têm a competência da língua são os sujeitos falantes. A Sociologia faz uma ciência da ciência, uma epistemologia. Ela faz explicitamente a ciência implícita que os atores sociais têm do mundo social. Então, a diferença entre conhecimento comum e conhecimento científico não é uma diferença de essência, mas de qualificação ou nuance: ambos são formas de conhecimento sobre o mundo social.

Revista Plural *Quando você elabora a noção de justificação como modo de compreender a dominação na sociedade contemporânea, de certa maneira, assume o pressuposto de que uma dimensão essencial do processo de dominação opera-se no nível “consciente”, no qual os sujeitos devem buscar razões explícitas para agir de determinado modo. Isso opera uma ruptura com a teoria de Bourdieu, que coloca ênfase ou na violência simbólica (que retira sua força do fato de operar de modo velado), ou nas formas incorporadas das estruturas de dominação (disposições que conformam um habitus específico). Por que essa mudança é importante para a Sociologia? Por que você propõe essa inflexão em direção a uma questão de justificação, que destaca os atores e suas razões para agir ou para deixar de agir?*

Luc Boltanski De início, eu diria que as duas posições não são completamente antagonistas. É preciso considerar qual era a problemática central na obra de Bourdieu. Ele veio da fenomenologia; de início, era um fenomenólogo. A partir da fenomenologia, ele descobriu a Sociologia e o estruturalismo. Parte de seu problema foi, então, tentar conciliar a abordagem fenomenológica – que parte da pessoa e sua relação com o mundo – com o estruturalismo. Na verdade, a teoria do *habitus* vem – e isso eu sei, pois estava próximo dele quando trabalhou nisso – das leituras de autores culturalistas norte-americanos, como Erik Erikson, Gregory Bateson e Margareth Mead. Essas são teorias nascidas do encontro da etnologia com a Psicanálise e que implicam certo nível de interiorização e incorporação. Bourdieu transpôs isso para as classes sociais, mas, quando essa posição é engessada, acaba-se por produzir uma representação mecanicista da ação.

É também preciso considerar outra questão: Bourdieu queria fazer uma teoria da ação, mas, segundo meu ponto de vista, não podemos fazer teoria da ação se não nos dermos conta daquilo que a ação tem que enfrentar constantemente: a incerteza. Se sabemos, logo de início, o final da história, por conhecer os *habitus* de uns e de outros, não há nada de ação! Em um modelo inteiramente disposicional, não haveria mais ação. Para mim, o grau de incerteza da vida social, a quais atores sociais devem fazer frente a todo o momento, é muito elevado. E, assim, não

podemos compreender o estabelecimento de todo um conjunto de dispositivos, se não considerarmos que esses dispositivos são de redução de certas incertezas.

Do mesmo modo, aquilo que descrevo em *De la justification*⁴ não é uma Sociologia geral. Trata-se de pensar em algumas situações específicas nas quais as relações de força estão mais ou menos neutralizadas, uma situação pública, ou seja, uma situação em que a justificação responde à crítica e a crítica responde à justificação. Em situações desse tipo, não podemos considerar somente as intenções escondidas e inconscientes dos atores, mas também o que eles dizem. Isso é o mínimo que podemos fazer para reconhecê-los, para reconhecer sua posição normativa, seu ponto de apoio normativo – aquilo que nomeávamos tradicionalmente como “valores”. A ideia presente em *De la justification* é a de que esses pontos de apoio normativos existem em número limitado em cada momento do tempo, em uma certa sociedade, o que não exclui, absolutamente, as relações de força.

Revista Plural Como sua temporada nos Estados Unidos contribuiu para as reflexões sobre justiça, que são apresentadas no livro *De la justification*?

Luc Boltanski Em Princeton, escrevi *La Souffrance à distance*⁵, pois havia bibliotecas muito boas e, ao mesmo tempo, não havia como fazer entrevistas; então, fiz uma pesquisa somente a partir da literatura. Mas a experiência não teve um papel central em minha evolução intelectual. Eu havia passado alguns meses em Harvard, no início dos anos 1980, que foi, sem dúvida, o período mais importante. O que posso salientar em relação à pergunta é que havia todo um conjunto de trabalhos americanos, que haviam sido rejeitados ou não lidos nos anos 1970, na França, que começaram a ser muito difundidos a partir dos anos 1980 e introduziram um novo debate. Dentre eles, o que foi mais importante para mim foi o trabalho de Michael Walzer, *Spheres of justice*⁶. Eu percebi que esse trabalho de Filosofia moral anglo-saxônica, de teoria da justiça, que era completamente ignorado na França, apresentava pontos interessantes; porém era necessário retomá-lo a partir de uma matriz sociológica, sem esquecer aquilo que tínhamos aprendido com o marxismo e com a Sociologia bourdieusiana.

E, assim, antes de *De la justification*, o que foi central para mim foi ter escrito o livro *Les cadres*⁷, publicado em 1983, e um artigo longo, escrito entre 1982

4 BOLTANSKI, L.; THEVENOT, L. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard, 1991.

5 BOLTANSKI, L. *La souffrance à distance: morale humanitaire, médias et politique*. Paris: Métailié, 1993.

6 WALZER, M. *Spheres of justice: a defense of pluralism and equality*. New York: Basic Books, 1983.

7 BOLTANSKI, L. *Les cadres: la formation d'un groupe social*. Paris: Éditions de Minuit, 1982.

e 1983, chamado *La dénonciation*⁸. *Les cadres* não é um livro muito bourdieusiano. Nele, meu objetivo foi retomar a discussão sobre classe social, sem passar pelas três principais correntes da época: a Sociologia da estratificação americana, não muito interessante, com John Goldthorpe; o marxismo estruturalista, estilo Nico Poulanzas, que era extremamente formal; e Bourdieu, com a teoria do *habitus* e da reprodução. Eu, ao contrário, queria fazer uma análise política e histórica da formação dos grupos sociais, um pouco no espírito de Thompsom e Hobsbawm.

Em *La dénonciation*, eu queria continuar uma discussão iniciada em *Les Cadres*, em que eu entrevistava trabalhadores que estavam para ser demitidos; ou melhor, que não seriam diretamente demitidos, mas que eram levados a se demitir e que estavam obcecados por sua situação, tendo um comportamento “paranoico”. Eles escreviam com frequência aos jornais, e, então, eu decidi procurar essas cartas públicas de denúncias de injustiças, para escrever *La dénonciation*. Foi nesse momento que comecei a me interessar mais profundamente pelas questões referentes ao problema da justiça. Havia um jornalista que guardava todas as cartas recebidas por seu jornal e respondia a todas. Ele me deu acesso informal a esse material, e eu os examinei em segredo. Eram cerca de trezentas cartas, que chegavam a ter quarenta páginas, trazendo, por vezes, o dossiê que fundamentava a denúncia. Eu codifiquei essas cartas, formulando aproximadamente cento e cinquenta variáveis. Havia, nesse material, todo o tipo de demanda por justiça, desde cartas de associações, como a Anistia Internacional, sindicatos e, por fim, de indivíduos denunciando seus vizinhos. Os jornalistas afirmavam que havia as cartas “normais” e as “de loucos”. Em vez de fazer uma escolha entre essas cartas, numa ideia bourdieusiana de construir o objeto ao recortá-lo de algum modo, eu, ao contrário, decidi reter e analisar todo o material. Eu conduzi um “painel de julgamento”, infelizmente pequeno, porque não tinha muito financiamento. Pedi para que pessoas leigas lessem as cartas e marcassem 1, quando a carta parecesse “perfeitamente normal”, e 10, se ela parecesse “completamente louca”. Em seguida, foi feita uma análise fatorial desse material, a partir da qual projetei as notas de normalidade sobre a análise. A partir disso, tentei construir o que denominei uma “gramática da denúncia normal de injustiça”, ou seja, a definição de regras que satisfaçam uma denúncia pública de injustiça; como se deve justificar uma denúncia pública de forma a ser considerada aceitável e não se passar por delirante.

8 BOLTANSKI, L.; YANN, D.; SCHILTZ, M. *La dénonciation. Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 51, p. 3-40, mar. 1984.

Foi possível observar que, em uma denúncia de injustiça, temos quatro atores: vítima, denunciante, juiz e, evidentemente, o sujeito que comete a injustiça. Atentei, também, para a proximidade entre os atores e seus “tamanhos”, ou seja, para a possibilidade de generalização da injustiça sofrida ou cometida por esses atores.

O trabalho sobre a justificação é realizado depois desse artigo, e eu retomo a questão da paranoia no último livro, *Enigmes et complots*⁹, publicado em 2012. Lá, há um capítulo inteiro sobre a questão da paranoia. Essa foi, de minha parte, a origem do livro *De la justification*. Do lado de Thévenot, havia seu artigo “Les investissements de forme”¹⁰.

Revista Plural *Você critica Bourdieu, Marx e Foucault por ignorarem o conhecimento que os próprios atores detêm sobre o mundo social; a etnometodologia estaria no polo oposto a eles, argumentando que a Sociologia deve se preocupar somente com o conhecimento que os atores detêm sobre o mundo social. Qual é seu ponto de vista em relação à etnometodologia?*

Luc Boltanski Como posso dizer? Primeiro, a posição de Bourdieu era menos dogmática do que a posição dos bourdiesianos. Foi, por exemplo, Bourdieu quem introduziu Erving Goffman na França, e, recentemente, fiquei sabendo que ele chegou a procurar alguém para traduzir Harold Garfinkel para publicar na coleção que editava. Além disso, seu melhor amigo americano era Aaron Cicourel. Desenvolvi um grande interesse nos trabalhos de Goffman; escrevi um texto sobre ele no começo dos anos 1970, que deveria ter sido o prefácio da tradução para o francês de *As representações do eu na vida cotidiana*, mas que não foi aceito porque era muito crítico [risos]. Então, esse material foi publicado como artigo¹¹. Li, depois, pesquisas em etnometodologia, no começo dos 1980, devido principalmente à minha ligação com Bruno Latour, que conheci no fim dos anos 1970. Nós nos tornamos muito próximos, apesar de atualmente não estarmos mais tão próximos por razões políticas, porque eu fui me tornando cada vez mais esquerdista, e ele, cada vez mais... de direita [risos]. Aqui, refiro-me aos posicionamentos dele a respeito do problema muito concreto da reforma universitária francesa. A meu ver, Latour teve duas influências principais: de um lado, Gilles Deleuze, que tinha introduzido o pragmatismo na França; de outro, a etnometodologia.

9 BOLTANSKI, L. *Enigmes et complots: une enquête à propos d'enquêtes*. Paris: Gallimard, 2012.

10 THÉVENOT, L. Les investissements de forme. In: THÉVENOT, L. (Ed.). *Conventions économiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986. p. 21-71.

11 BOLTANSKI, L. Erving Goffman et le temps du soupçon. *Informations sur les sciences sociales*, v. 12, n. 3, p. 127-147, 1973.

Mas, ao mesmo tempo, nos anos 1980, desenvolveu-se em Paris uma corrente radical de etnometodologia com a qual eu não poderia concordar, uma vez que, durante todo o meu percurso, continuei mais ou menos estruturalista. Se você tomar como exemplo o livro *De la justification*, a explicação ali é estruturalista, não tanto no que diz respeito à noção de estrutura social, à moda de Evans-Pritchard, mas à moda de Lévi-Strauss, das estruturas cognitivas.

Havia duas ideias que me desagradavam na etnometodologia. A primeira delas, por vezes também encontrada no interacionismo, é uma ideia excessivamente “otimista”, segundo a qual os humanos sempre desejam o acordo, como encontrado na noção de Goffman de “*discrediting event*”¹². Os humanos teriam muito medo de qualquer coisa que colocasse a interação sob risco de desintegração e, por isso, sempre desejariam o acordo. Eu sou menos otimista do que isso. Minha outra discordância é quanto à ideia de que tudo é constantemente criado, uma noção de criação permanente do social. Então, tomei de empréstimo da etnometodologia a noção de competência dos atores, mas mantenho um ponto de apoio forte na ideia de estruturas previamente existentes à interação.

O que falarei bastante hoje à noite é do problema central da Sociologia, que, segundo minha visão, ainda não tem solução clara: se você aborda o social a partir dos atores, você os verá como criativos, inventivos, competentes, inovadores, que têm estratégias, etc. Já quando você aborda o social sob um olhar macro, passa-se a descrever um estado de realidade em que aparece a reprodução das regularidades e das assimetrias. Contudo, a meu ver, não há ninguém que saiba conciliar esses dois tipos de abordagens. Esse é o desafio da Sociologia.

Revista Plural *Nesse mesmo sentido, também gostaríamos de perguntar sobre sua relação com a teoria crítica contemporânea, principalmente com Axel Honneth.*

Luc Boltanski Sim, claro. Há, em primeiro lugar, uma relação de amizade que criei com Honneth, quando estive em Frankfurt. Posteriormente, ele me convidou para conceder três conferências em 2008 e, depois, tivemos uma série de diálogos, especificamente por conta de uma entrevista feita por Robin Celikates, que vai aparecer em inglês em um volume preparado por Simon Susen sobre meu trabalho. Eu aprecio tanto a pessoa quanto, em larga medida, suas ideias, com as quais tenho algumas divergências, que, no entanto, me ajudaram a refletir sobre meu próprio trabalho e a compreender melhor minha própria posição.

12 Termo utilizado por Goffman para se referir às ações ou aos eventos capazes de desacreditar publicamente as identidades projetadas pelos agentes em interação, colocando sob risco de ruptura, portanto, as definições da própria situação de interação adotadas por esses agentes.

Falei disso em *De la critique*. No que concerne às divergências, na Sociologia, as posições são sempre políticas, ao mesmo tempo que teóricas. Nós temos, de um lado, uma Sociologia de direita, uma Sociologia individualista, o individualismo metodológico, que parte da noção de “*rational choice*”; de outro, uma Sociologia de esquerda, que assume a comunidade como ponto de partida, isto é, a noção de que os humanos são sempre sociais. Acredito que há um pouco dessa segunda posição em Honneth. Eu penso, assim como Latour, que é mais interessante partir do indivíduo para analisar todo o trabalho necessário para estabelecer o laço social, do que supor esse laço social já de saída. Eu fui acusado de ser hobbesiano, mas penso que essa é uma posição muito mais interessante, porque foca na inquietude permanente sobre a capacidade de se fazer e de se manter o laço social.

Então, creio que sou menos otimista do que Axel Honneth, no ponto de partida e também no ponto de chegada. Certamente, a teoria do reconhecimento de Honneth não é apenas sobre o reconhecimento jurídico por parte do Estado, mas, para os honnethianos, essa questão desempenha um papel fundamental – eu, particularmente, não tenho muita confiança no Estado. Creio que um dos grandes problemas centrais da Sociologia atual é que ela se construiu junto ao Estado Nação Moderno, que, atualmente, está em grande crise; no mesmo passo, a Sociologia também entrou em crise, precisando de novos conceitos. Enfim, gosto muito de Honneth e também de Nancy Fraser, que acho muito elegante e interessante. O diálogo com eles é muito profícuo.

Revista Plural *Temos duas questões sobre seu conceito de “regime de ação”. Neles, você propõe um retorno reflexivo à capacidade dos atores em formular críticas e justificações de acordo com os princípios de justiça institucionalizados. Mas como devemos compreender o problema da capacidade desigual de formulação de críticas ou de justificações por diferentes agentes, que possuem recursos materiais ou culturais diferentes? Será que é possível considerar uma perspectiva mista entre a sua e a perspectiva de Bourdieu para dar conta da constituição social dos agentes?*

Luc Boltanski Os regimes de ação descritos em *De la justification* são um entre os diversos tipos dos regimes de ação existentes. Aqueles com que trabalhei se referem especificamente à justiça. Escrevi esse texto para delimitar tal noção, uma vez que meus estudantes estavam usando essa obra como se ela fosse uma Sociologia geral; e, tendo vivido sob o dogmatismo bourdiesiano, eu gostaria de evitar a dogmatização de meu trabalho.

Certa vez, quando um estudante começou a me narrar suas observações de campo a partir do repertório conceitual de *La justification*, eu lhe disse: “Não, você vai me relatar suas observações sem utilizar um único conceito, muito menos aqueles de *La justification*”, e ele ficou perdido [risos], tamanha é a força dogmática do ensino. Mas o que vocês disseram é justo. Eu penso que todo mundo é capaz de críticas e de justificação, mas não nas mesmas situações, isto é, nas situações públicas, há um contrato argumentativo e legítimo, que, evidentemente, cria grandes desigualdades. Então, é muito importante considerá-lo e tentar conciliar as duas abordagens. Os mesmos que permanecerão em silêncio durante a reunião pública são capazes de fazer críticas muito boas quando estiverem no bar junto a seus companheiros; então, não é uma diferença de competência, mas sim das diferentes capacidades de acionar essa competência para compreender o fenômeno da dominação.

Revista Plural *A crise financeira produziu uma série de eventos que podem ser lidos a partir dos esquemas analíticos desenvolvidos em La dénonciation e De la justification. Os esquemas desenvolvidos no primeiro texto podem ser mobilizados para refletir sobre as questões financeiras, enquanto aqueles desenvolvidos no segundo são pertinentes na medida em que a crise reacende o debate sobre os princípios de justiça e legitimidade da ordem social. Nessa medida, como você viu os desenvolvimentos políticos e sociais da crise financeira?*

Luc Boltanski Responderei a partir do livro *Le nouvel esprit du capitalisme*¹³. Existe sempre uma ligação entre aquilo que escrevemos e a atmosfera social e política mais ampla. Na França, ocorreu algo de bastante bizarro. O período de esperança de esquerda, que se inicia em 1968, quando há muitos movimentos, manifestações, reivindicações – como atualmente aqui no Brasil –, termina no fim dos anos 1970. Em 1981, François Mitterrand e o Partido Socialista chegaram ao poder, e nós, mais à esquerda, fizemos um voto de confiança. Acho que isso permitiu *De la justification*. Quando escrevi *La dénonciation*, era sobre a capacidade de se exprimir numa época em que víamos todo um conjunto de negociações em torno do novo direito sindical. Eu queria mostrar que havia desigualdades nas capacidades de exprimir uma reivindicação. Mas, apesar de tudo, pensávamos que havia certo número de conquistas: o governo socialista dos anos 1980 se apresentava como muito à esquerda. Eu penso que foi isso que nos liberou o espírito, em alguma medida, para escrever *De la justification*. E depois, por volta

13 BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999.

da metade dos anos 1990, tornou-se impossível não ver que, ao contrário do que se havia prometido, houve um aumento das desigualdades e um aumento da força do capitalismo. Foi por isso que, junto com Chiapello, trabalhei em *Le nouvel esprit du capitalisme*, com o objetivo, entre outros, de fazer uma gênese histórica da cidade. O livro é, no fundo, reformista. Apresentava a “cidade por projetos” como um novo tipo de boia de salvação que dava ao capitalismo contemporâneo a possibilidade não de terminar com a exploração, mas de se reformar relativamente. Mas o que se viu nos anos seguintes foi o crescimento da violência capitalista, das desigualdades e, de forma alguma, o estabelecimento da cidade por projetos. Penso que toda a análise presente no *Nouvel esprit* que fizemos dos anos 1968-2000 continua correta, mas que a cidade por projetos foi algo somente esboçado, mas nunca colocado em prática.

Então, notadamente no último capítulo *De la critique*, eu tentei compreender o que garantia, hoje, essa potência política ao capitalismo contemporâneo. A ideia, bastante pessimista, é que aquilo que descrevemos no *Nouvel esprit*, o novo tipo de relação que se formava entre o Estado e o capitalismo, fez com que a reforma se tornasse muito difícil, obrigando os movimentos sociais ou a rebaixar suas reivindicações ou a se radicalizar. Chamo isso de modo de dominação gestionária. Trata-se de um novo tipo de dominação que não é nem mesmo ideológica, a partir do qual o governante diz: “Não podemos fazer nada, porque estamos limitados pelos sistemas de contabilidade”.

Na França, o problema central é que o estado de bem-estar social do pós-guerra (que foi uma punição do capitalismo pelos anos 1930 e pelo fascismo) estava ligado a uma capacidade do estado de aumentar o imposto e que todo um conjunto de movimentos do capitalismo nos anos 1970 e 1980, notadamente o desenvolvimento de paraísos fiscais e da industrialização das finanças, criou uma situação na qual os Estados não têm mais como aumentar o imposto sobre as sociedades anônimas. Então, é obrigado a emprestar dinheiro do mercado de capitais. A crise na França parece bastante uma crise que precedeu a Revolução Francesa, ou seja, uma crise fiscal. Outro problema é que a França está se tornando um país extremamente xenófobo e reacionário. Por isso, fico muito surpreso com esse sentimento, aqui, de que o Brasil passou ao largo da crise de 2008 com uma espécie de energia capitalista. O que mais me surpreendeu, depois de três semanas aqui, é essa impressão de energia capitalista que emerge no país. É bastante perturbador. Como se todo mundo tivesse renunciado. Vocês participaram das manifestações? Eu falei com todos os professores e não encontrei ninguém que me desse uma análise convincente do movimento, por isso falar com jovens como vocês me interessaria muito.

Os mais velhos me dizem que é o retorno da direita contra Lula, outros me dizem que são as classes médias. Todo mundo diz que é um movimento multiforme. Tem gente que diz que são os evangélicos. Já ouvi de um tudo [risos].

Revista Plural *Correto. Ao mesmo tempo em que há essa energia capitalista, há um grande número de manifestações. Tivemos as maiores manifestações das últimas décadas. Como olhar para essa energia do capitalismo concomitantemente a uma energia anticapitalista?*

Luc Boltanski As manifestações eram anticapitalistas?

Revista Plural *Uma parte sim, mas não todas. Ao mesmo tempo temos movimentações na Europa, como na Espanha ou em Portugal, a partir da crise e dos planos de austeridade...*

Luc Boltanski Mas não na França! Não temos nem mesmo “indignados” na França. Eu estive muito próximo da criação do Nouveau Parti Anticapitaliste (NPA), criado por trostkistas que queriam se abrir a outras influências. Diziam-me que eles não eram nem um pouco abertos, que os trostkistas não se abrem nunca; eles tinham razão, eles não são nada abertos, foi catastrófico. Eu fui falar, no curso de verão deles, com um público muito simpático, cerca de mil pessoas, muitos jovens, muitos oradores falando como se estivessem em Munique, em 1927; ou seja, um discurso que ninguém mais consegue compreender, que não é nem mesmo marxismo. Eu sou mais ou menos marxista, cada vez mais, eu diria. Ali parecia um discurso de igreja católica. Na França, o fenômeno é o crescimento da extrema-direita, incluindo uma extrema direita que pode se colocar como anticapitalista, o que complica tudo, retomando as temáticas dos anos 1930, onde havia uma extrema direita anticapitalista.

Revista Plural *É mesmo um desafio para os sociólogos refletir sobre a emancipação social no século 21, em uma época em que o movimento operário formado no século 19 e sua principal teoria – o marxismo – receberam pesadas críticas. Como se coloca a questão do pensamento crítico e sua interação com os movimentos sociais no mundo contemporâneo?*

Luc Boltanski Existe um verdadeiro paradoxo, não somente no nível francês, mas em geral. Eu montei com uns amigos uma pequena sociedade que chamamos de sociedade Louis Michel, para acompanhar o NPA. Vocês sabem quem é? É um célebre anarquista francês do século 19. Temos como projeto fazer uma espécie de quadro do pensamento crítico contemporâneo. Encontramo-nos frequente-

mente em um café de Belleville, com um público de umas cinquenta pessoas. Faz parte dessa sociedade um sociólogo chamado Razmig Keucheyan, que escreveu o livro *Hémisphère Gauche*¹⁴. Esse livro diz algo muito importante: até um período recente, os sociólogos ou filósofos críticos eram sempre ligados a movimentos sociais; hoje, esse tal pensamento crítico está se tornando uma disciplina universitária. Este é um verdadeiro problema. Temos na França, nos últimos anos, um crescimento do pensamento crítico, mas que não está ligado aos movimentos sociais. A última grande manifestação na França foi em 2006, em reação à flexibilização de leis trabalhistas. Em 2005, você teve no *banlieu* parisiense um grande movimento, essencialmente de trabalhadores, muitos deles desempregados, de origem magrebina, mas sem reivindicação clara ou algum porta-voz. Você não tem mais nenhuma organização que seja realmente capaz de organizar e mobilizar as pessoas. A única organização que é capaz de colocar pessoas na rua, atualmente, na França, é a Igreja Católica. Nesse inverno, houve enormes e inquietantes manifestações contra o casamento homossexual. Não só a Igreja: a direita se mostrou muito mais capaz de colocar gente na rua que a esquerda.

Revista Plural *Esse é um jeito triste de terminar a entrevista.*

Luc Boltanski Pode mudar, pode mudar...

14 KEUCHEYAN, R. *Hémisphère gauche: une cartographie des nouvelles pensées critiques*. Paris: La Découverte, 2010.

